

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marco Aurélio Kistemann Júnior

CENÁRIOS PARA ENTENDER ASPECTOS DA MODERNIDADE NA OBRA DE MARSHALL BERMAN

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães

Juiz de Fora
2023

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **MARCO AURÉLIO KISTEMANN JÚNIOR**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202072085**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CENÁRIOS PARA ENTENDER ASPECTOS DA MODERNIDADE NA OBRA DE MARSHALL BERMAN**, desenvolvido durante o período de **01 MARÇO DE 2023 A 31 DE OUTUBRO DE 2023** sob a orientação do **Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães**, ora entregue à **UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF)** como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 20 de dezembro de 2023.

MARCO AURÉLIO KISTEMANN JÚNIOR

CENÁRIOS PARA ENTENDER ASPECTOS DA MODERNIDADE NA OBRA DE MARSHALL BERMAN

Marco Aurélio Kistemann Júnior¹

RESUMO

O objetivo desse texto é apresentar breves cenários com teorizações e apresentação de personagens que nos auxiliaram a compreender a Modernidade e as consequências desse período histórico para o estabelecimento de ações e hábitos modernos que nos influenciam até hoje no século XXI. Foi feito um estudo teórico bibliográfico sobre o livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” de Marshall Berman. Esperamos que as reflexões aqui apresentadas possam inspirar outros olhares para a Modernidade e provocar novos insights para as pesquisas em Ciências Humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Marshall Berman. Cenários.

1. INTRODUÇÃO-ALGUNS ESCLARECIMENTOS ANTES DE COMEÇARMOS OU AGUARDANDO NA ANTESSALA DA MODERNIDADE

“O homem prefere a paz e até mesmo a morte à liberdade de discernir o bem e o mal. Não há nada de mais sedutor para o homem que o livre-arbítrio, mas também nada de mais doloroso”. (Inquisidor na obra „Os irmãos Karamazov, 1881-Fiodor Dostoiévski)

“Todos conhecem a vertigem e o terror de um mundo no qual “tudo que é sólido desmancha no ar”. (Marshall Berman)

Entender os processos históricos e sociais auxiliam-nos a entender a realidade em que vivemos e a que nossos antepassados viveram. Recordamos, a partir de diversas leituras realizadas, que a palavra *moderno* tem como significado tudo aquilo que é contrário a antigo, tradicional, ultrapassado ou de época. Ser *moderno* é ir de encontro ao que já está posto, canônico, é buscar demolir estruturas ultrapassadas e assentar no lugar estruturas dinâmicas, provisórias, mas novas, é construir, destruir, reconstruir e buscar cenários novos a cada fase do progresso social, econômico e industrial.

Nesse contexto, a Modernidade é um tema ingrato para ser tratado em sua amplitude em algumas páginas. Isso se dá por sua riqueza de detalhes, áreas, personagens e temáticas que possibilitam o tecer de uma rica “colcha de retalhos” que se entrelaçam e gradativamente vão formando painéis sociais, cultural, políticos e religiosos que ilustrarão a modernidade, o modernismo e a modernização das sociedades.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães.

Contudo, vamos nos arriscar a tecer cenários breves que podem convidar o leitor no aprofundamento dessa temática instigante e dilaceradora ao mesmo tempo.

Nesse sentido, a modernidade pode ser entendida como um período de efervescência em boa parte do mundo, muitas vezes chamado de período contemporâneo, que podemos situar com eventos iniciados na Revolução Francesa com a superação do pensamento e das tradições medievais. O rompimento com o pensamento escolástico, com tradições fortemente influenciadas com preceitos e dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana, no período moderno cede lugar ao estabelecimento da razão como forma de se estruturar os conhecimentos científicos que buscavam ao se descolar dos pressupostos teológicos, possibilitar a ascensão do pensamento moderno.

Nesse sentido no contexto moderno a razão e a ciência se estabelecerão como lentes capazes de possibilitar os indivíduos a leitura e a construção de novos mundos, demolindo os pilares teológicos tradicionais que no período pré-modernos regiam a estrutura social, política e religiosa. Com René Descartes (1596-1650) e sua obra *Discurso do Método*, teremos um expoente da filosofia que apresenta, por meio de seu método cartesiano, as possibilidades de se pensar a consolidação e construção de um método científico que por meio da evidência, da análise, da síntese e da enumeração, ou seja, ações que reificaram o pensamento racional e um método científico e que alavancarão a sociedade para um desenvolvimento jamais antes visto que culminará na Revolução Industrial.

Assim, podemos conceber que a Modernidade institui-se como uma visão de mundo que se concretiza a partir das teorizações cartesianas que rompem com o *status quo* das estruturas teóricas tradicionais escolásticas. Tal rompimento promoverá a gênese de uma época dita moderna em que com o estabelecimento da autonomia do pensamento racional enormes consequências serão vivenciadas na Literatura, na Filosofia, nas Ciências, na Economia e diversos setores sociais como um todo.

Nesse contexto, destacamos que a Modernidade construiu-se em meio a guerras, disputas bélicas no contexto dos países europeus, conflitos ideológicos e da instrumentalização crescente que modificará a sociedade, as relações e os locais de trabalhos. Um período em que as tradições, as crenças, a solidez dos hábitos e quefazeres medievais serão questionados e demolidos de modo a dar lugar a uma nova realidade governada pela razão e pelo progresso possibilitado pelos avanços científicos.

Assim, o esvaziamento do pensamento tradicional ambientado no pensamento teológico e religioso, inspira Max Weber (1864-1920) a denominar o processo que se instala com a modernidade como um período de “desencantamento do mundo”, período este em que os indivíduos passam a abandonar crenças e hábitos até então alicerçados nos preceitos das religiões dominantes à época.

Destacamos que o período moderno será marcado por revoluções e pela busca de uma ordem possibilitada pelo fortalecimento dos Estados Nacionais promulgando leis que permitirão o desenvolvimento e o progresso que bem caracterizará a Modernidade. Nesse contexto, guerras, conflitos entre os países,

exclusões sociais e consolidação da classe burguesa e da classe trabalhadora fornecerão como resultados um avanço tecnológico potente, manifestações artísticas nos seus diversos contextos borbulhando e buscando questionar os acontecimentos modernos, suas potencialidades e fragilidades que culminarão numa outra fase histórica denominada de pós-modernidade.

2. DESENVOLVIMENTO

O objetivo desse texto é apresentar breves cenários com teorizações e apresentação de personagens que nos auxiliaram a compreender a Modernidade e as consequências desse período histórico para o estabelecimento de ações e hábitos modernos que nos influenciam até hoje no século XXI. Foi feito um estudo teórico bibliográfico sobre o livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar” de Marshall Berman.

Buscando cumprir esse objetivo apresentamos breves cenários com teorizações e apresentação de personagens que nos auxiliaram a compreender a Modernidade e as consequências desse período histórico para o estabelecimento de ações e hábitos modernos que nos influenciam até hoje no século XXI. É preciso enfatizar que teceremos estes cenários jamais tentando esgotar a temática apresentada ou considerar como de suma abrangência o que for tratado, uma vez que uma farta literatura sobre o tema da Modernidade ainda sendo produzida buscando desvelar os vários aspectos ainda não explicitados ou aprofundados sobre o tema.

Seguindo a estruturação em fases de Marshall Berman, pode-se dividir a história da Modernidade em três fases. A primeira fase, século XVI até o século XVIII, fase esta em que os indivíduos estão iniciando e experimentando a vida moderna, de forma incipiente, caminhando e tateando em estado de semicegueira.

Numa segunda fase, marcada com várias revoluções a partir do final do século XVIII e ao longo do século XIX, os indivíduos já vivenciam a vida moderna em sua fase revolucionária nos diversos contextos, social, político e educacional, embora ainda não seja uma modernidade por completa, em virtude de muitos ainda se sentirem em um mundo com resquícios pré-modernos. De acordo com Berman (1982), essa dicotomia, ou seja, essa sensação de viver em dois mundos simultaneamente que emergirá e se desdobrará a ideia de modernismo e modernização.

A terceira fase é vivenciada no século XX com os indivíduos percebendo uma severa onda de transformações sociais, triunfo no campo da Arquitetura e Artes. Paradoxalmente, apesar do progresso material a vida moderna não proporciona ao indivíduo elementos capazes de organizar e dar sentido a sua vida. Em nosso entendimento o indivíduo encontra-se fragmentado, sem raízes em plena modernidade, à beira de um abismo, em cenários de agitação e turbulência, aturdimento psicológico diante do alargamento de limites morais, ou seja, um indivíduo que busca entender o que se passa ao seu redor em câmera lenta, contudo as transformações vão se dando na velocidade da luz. Inaugura-se nessa fase a denominada *experiência moderna* que traz à realidade novas paisagens com fábricas, comunicação em massa, estados nacionais fortes e conglomerados multinacionais de capital e movimentos sociais de massa que lutam contra

essas modernizações vindas de cima para baixo, devastando que o que vê pela frente.

De acordo com Marx, nesse contexto, todas as relações fixas, enrijecidas, com seus vestígios de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões foram banidas, de modo que todas as novas relações se tornam antiquadas e fora de moda antes que cheguem a se solidificar. Para Marx, tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus pares.

É preciso recordar que de acordo com Berman (1982), o impulso dialético da modernidade se voltará ironicamente contra seus primeiros agentes, a burguesia, cravando que a modernidade terá como uma de suas marcas o paradoxo e a contradição ao longo de sua trajetória de destruição das estruturas tradicionais e os altos custos humanos advindos do progresso e do avanço tecnológico.

De acordo com Berman (1982, p.21)

ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o *seu* mundo, transformando-o em *nosso* mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo ao qual tantas das aventuras modernas conduzem na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando em volta se desfaz. Dir-se-ia que para ser inteiramente moderno é preciso ser antimoderno: desde os tempos de Marx e Dostoiévski até o nosso próprio tempo tem sido impossível agarrar e envolver as potencialidades do mundo moderno sem abominação e luta contra algumas das suas realidades mais palpáveis.

À experiência de tempo e espaço, de si e dos demais, das várias possibilidades de se viver a vida, os obstáculos que aparecem, os desafios, incertezas e o caminhar em plena neblina, a essa experiência podemos entender como modernidade. De acordo com Berman (1982), ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor, mas ao mesmo tempo vivenciar uma realidade que destrói tudo que temos e pensamos ser sólido e eterno.

Destacamos que a unidade na modernidade é paradoxal, na medida em que nos une nos desunindo, nos aproxima de nossos sonhos que se tornarão pesadelos e ilusões, nos coloca em grandes grupos sociais em cidades que mudam o tempo todo e o resultado é o reforço do individualismo, da solidão e das sombras que nos assediam por meio das construções que tornam o homem um mero adereço das constantes mudanças sociais, da arquitetura, das artes e do meio ambiente.

Berman, na Introdução do seu livro “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, define Modernismo,

como qualquer tentativa feita por mulheres e homens modernos no sentido de se tornarem não apenas objetos, mas também sujeitos da modernização, de apreenderem o mundo moderno e de se sentirem em casa nele. Trata-se de uma concepção de modernismo mais ampla e mais inclusiva do que as que costumamos encontrar em obras acadêmicas. Ela implica uma visão aberta e abrangente de cultura; é muito diferente da abordagem museológica que subdivide a atividade humana em fragmentos e os enquadra em casos separados, rotulados em termos de tempo, lugar, idioma, gênero e disciplina acadêmica. (BERMAN, 1982, p.11)

Em termos mais precisos, ser *moderno* é fazer parte de um universo inconstante, mutável, é caminhar numa fina camada de gelo fino buscando equilibrar-se diante dos inúmeros cenários que aparecem, ou nas palavras de Karl Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”, se esvai e outra coisa aparece em seu lugar para retroalimentar o processo constante de desintegração e mudança.

Diversas fontes contribuem para essa constante desintegração e mudança, a partir das permanentes descobertas nas áreas científicas, com cada vez mais nitidez do nosso universo. Inicialmente, com crescente industrialização e ampliação da produção de bens antes nunca imaginados, a conversão de conhecimentos científicos em tecnologias acessíveis e propiciadores de conforto para a população. Concomitante, percebe-se durante a modernidade a aceleração da vida urbana com crescentes contingentes populacionais e com surgimentos de classes sociais que entrarão em combate por seus direitos.

Há ainda uma massificação dos meios de comunicação que influenciarão com seus programas, telejornais e propagandas o inconsciente coletivo e as tomadas de decisão em Estados Nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estabilizados e sedentos de poder político e econômico. Nesse contexto, as instituições buscarão permanentemente dirigir e manipular os indivíduos e comunidades sociais de modo a fortalecer o sistema econômico e as práticas capitalistas. De acordo com Berman (1982), no século XX, os processos sociais que retroalimentarão esse período descrito e que buscam perpetuar essa constante desintegração e mudança denomina-se “modernização”.

Nesse contexto de modernização, Berman ressalta que a modernidade é constituída por suas máquinas, de modo que homens e mulheres nesse cenário de modernização constituem-se apenas como reproduções mecânicas. O povo assim se autorrealiza no seu conforto; encontra sua alma em seus automóveis, seus conjuntos estereofônicos, suas casas, suas cozinhas equipadas (MARCUSE, 1991).

Complementando, o povo nesse cenário perfaz-se como coadjuvante, um adereço ou enfeite para um cenário de constantes mudanças e transformações que impedem os indivíduos de criarem raízes consistentes. Assim, conjecturamos que os indivíduos na modernidade ao invés de viverem de forma livre e autônoma, vivenciam, paradoxalmente, o que Max Weber denomina de “cárcere de ferro” tendo seus destinos condicionados pela tecnologia moderna e pela organização social.

De acordo com Berman (1982, p.39), “não só a sociedade moderna é um cárcere, como as pessoas que nela vivem foram moldadas por suas barras e se constituem como seres sem espírito, sem coração,

sem identidade sexual ou pessoal, ou como se poderia dizer: sem ser”. Um termo que pode ilustrar bem as pessoas da sociedade moderna é destacado por Berman (1982) como “homens-massa” ou “homens-occos” encarcerados numa realidade ambivalente, paradoxal e que os condiciona a fazer a roda da economia girar e o progresso fluir.

No Cenário 1, a seguir, trazemos um dos possíveis modos de se conhecer a Modernidade, a partir de uma obra da literatura, *Fausto*, que busca retratar e didatizar a Modernidade e o que esta propicia de mudanças nos diversos setores da vida. Adentremos no Cenário 1.

2.1 CENÁRIO 1: A MODERNIDADE SOB O OLHAR DO FAUSTO DE GOETHE

“A inquietação faústica do homem na história mostra que o ser humano não se satisfaz com a simples satisfação dos seus desejos conscientes”. (Norman Brown)

“Nada é permanente, exceto a mudança”. (Heráclito)

Uma forma didática de se problematizar o tempo histórico que ficou marcado na humanidade como Modernidade é em nosso entendimento utilizando-se da Literatura. Assim, a obra magistral *Fausto* de Johan Wolfgang Goethe (1480-1540) é uma obra literária de 1831, considerada como um dos símbolos culturais da Modernidade. Nesse sentido, *Fausto* descreve de forma poética e épica a tragédia do Dr. Fausto, um homem das ciências que, desiludido com o conhecimento de seu tempo, faz um pacto com o demônio Mefistófeles que o abastece com o vigor satânico que incrementará a sua paixão pela técnica e pelo progresso.

Para Berman (1982), o *Fausto* de Goethe ultrapassa todos os outros personagens, heróis e vilões, em riqueza e profundidade na perspectiva histórica, em imaginação moral, em inteligência política, em sensibilidade e percepção psicológica. Na denominação de Alexander Púchkin (1799-1836), o *Fausto* de Goethe, devido à amplitude e abrangência com que retrata o homem moderno pode ser denominado como o personagem que vivencia a “*Iliada* da vida moderna”, numa alusão ao poema épico de Homero que narra a Guerra de Troia cujo personagem principal foi o guerreiro Aquiles.

Destarte, *Fausto*, o herói goethiano e os personagens que orbitam ao seu redor, de acordo com Berman (1982), experimentam com grande intensidade os dramas, traumas e desafios da modernidade com desejos urgente de desenvolvimento econômico, superação das tradições com profundas transformações sociais, industriais e artísticas. Assim, o *Fausto* de Goethe expressa e dramatiza o processo pelo qual, no fim do século XVIII e início do século XIX, um sistema mundial especificamente moderno vem à luz (BERMAN, 1982, p.52). Para Berman (1982) dois pontos merecem destaque com relação à obra de Goethe. O primeiro ponto revela que o único meio de que o homem moderno dispõe para se transformar, e isso fica

claro ao longo da tragédia do desenvolvimento descrita na obra, é vivenciar, do alto do vale, a radical transformação de todo o mundo físico, moral e social em que os indivíduos vivem.

Embora muitos pensadores relacionem a temática problematizada em *Fausto* por Goethe com o desenvolvimento capitalista, tal fato constitui-se como um equívoco num primeiro momento. De acordo com Berman (1982) se desejarmos situar os desígnios de Fausto dirigem-se enfaticamente não para a realidade econômica e social, mas para seus sonhos radicais e utópicos, e mais ainda, não para o capitalismo desse tempo (século XVIII), mas para ideais socialistas.

Goethe foi influenciado pelos escritos de Claude-Henri de Rouvroy (1760- 1825), o conde de Saint-Simon, filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico. Assim, na parte final de *Fausto*, Goethe transforma os projetos e programas saint-simonianos em visão poética, definindo o que Berman (1982, p.93) denomina como “modelo faústico” de desenvolvimento.

Esse “modelo” confere prioridade absoluta aos gigantescos projetos de energia e transporte em escala internacional, com ênfase secundária nos lucros e buscando prioritariamente o desenvolvimento a longo prazo das forças produtivas com integração entre empresários, banqueiros, cientistas e trabalhadores, como, aliás, também teorizou Saint-Simon em suas obras filosóficas. Para Berman (1982, p.93), “o modelo faústico criará um novo tipo de autoridade, derivado da capacidade do líder em satisfazer a persistente necessidade de desenvolvimento aventureiro, aberto ao infinito, sempre renovado, do homem moderno”.

É só no começo do século XX que o “modelo faústico” assumirá, de acordo com Berman (1982), a sua forma robusta e plena, emergindo de modo mais intenso no mundo capitalista, com a expansão de grandes conglomerados econômicos que colocarão em ação projetos gigantescos de ampliação de redes de transporte, energia, construções de grande porte, represas, usinas hidrelétricas, nucleares e exploração do espaço interplanetário. Esse cenário da modernidade também pode ser descrito em um mundo como um constante canteiro de obras, com edificações sendo erguidas enquanto outras são derrubadas, o “novo” surgindo e o “antigo” se tornando obsoleto, desnudando um desenvolvimento insaciável e uma aterrorizante devastação de cenários sociais e ecológicos.

Em nosso entendimento, o homem da modernidade é o homem faústico, um homem condenado pela ciência e a tecnologia a uma nova era de precariedade e exaustão das fontes energéticas, é o homem que desperta no mundo os vírus que provocarão clausuras e quarentenas em busca da sobrevivência. O homem faústico é aquele que ao buscar o progresso, o poder, acaba por encurralar-se em seu próprio labirinto moderno de contradições, ambivalências e conquistas transitórias, uma vez que o progresso não pode parar.

De acordo com Berman (1982), as perspectivas e visões de Goethe nos auxiliam a entender a sua

obra como uma profunda crítica à Modernidade, convidando-nos a pensar em outras experiências modernas. Em tais experiências o homem faústico, por meio de seus conhecimentos científicos, suas tecnologias e ideologias seria capaz de escapar do labirinto do progresso utilizando-se do “fio de Ariadne” dos saberes, da ética e da satisfação de seus desejos conscientes.

Em suma, o *Fausto* de Goethe é universalmente reconhecido como uma expressão primária do moderno espírito inquiridor, atingindo sua realização, bem como também a sua decadência na transformação da moderna vida material (BERMAN, 1982). Para entender a modernidade em sua totalidade, um bom começo é caminhando nas trilhas que Goethe nos faz caminhar de mãos dadas com *Fausto*.

No Cenário 2, a seguir, escolhemos, para entender mais uma das infinitas facetas da Modernidade, caminhar ao lado de um dos maiores pensadores modernos, Karl Marx. Neste Cenário, buscamos explicitar de forma inicial o papel decisivo de Marx para questionar estruturas que se estabeleciam em nome do progresso e da opressão daqueles que efetivamente promoviam esse progresso, os trabalhadores.

2.2 CENÁRIO 2: A MODERNIDADE SOB O OLHAR DE KARL MARX

“[...] o *Manifesto* é a primeira grande obra de arte modernista”. (Marshall Berman)

“A burguesia transmutou toda a honra e dignidade pessoais em valor de troca; e em lugar de todas as liberdades pelas quais os homens têm lutado colocou uma liberdade sem princípios, a livre troca”. (Karl Marx)

Neste cenário buscaremos apresentar um viés da Modernidade inspirado em algumas teorizações de Karl Marx (1818-1883).

De acordo com Berman (1982, p.110), “o pensamento atual sobre a modernidade se divide em dois compartimentos distintos, hermeticamente lacrados um em relação ao outro: „modernização” em economia e política, „modernismo” em arte, cultura e sensibilidade”. No referente à atuação seus trabalhos e ações estão focados no contexto e na temática da „modernização”. Uma outra geração de pensadores como Charles Baudelaire (1821-1867), Gustave Flaubert (1821-1880), Søren Kierkegaard (1813-1855), Richard Wagner (1813-1883) e Fiódor Dostoiévski (1821-1881) ficou reconhecida com trabalhos e produções artísticas e literárias na instância do modernismo.

Contudo, retornando a Marx, nada pode descrever melhor o lema da Modernidade como a expressão “Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens” proferida em sua obra por Marx e consagrando a força e originalidade de seu

materialismohistórico.

Ou seja, num contexto moderno político, social, religioso, econômico, as coisas se desintegram, se reintegram, se metamorfoseiam e tornam a se desintegrar num balé apocalíptico ambíguo e numa efervescência contínua. De acordo com Berman (1982), o *Manifesto Comunista*, elaborado por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820- 1895), apresenta profundas percepções da sociedade e da cultura modernistas, problematizando as profundas contradições desse período. No *Manifesto* a dupla Marx e Engels destrincha de forma clássica a relação entre a cultura modernista e a sociedade e a economia burguesa, bem como os vieses marxistas, modernistas e burgueses e suas interrelações no processo de modernização e revolução social e econômica que inaugurará uma nova fase da história.

Avançando um pouco mais numa breve análise do *Manifesto*, Marx e Engels apresentam como um dos fenômenos da modernidade/modernização o surgimento avassalador de um mercado mundial com a destruição dos mercados locais e regionais ea ascensão de grandes conglomerados de fábricas, empresas e instituições capazes de atender a crescente demanda de produção e consumo da população.

Nesse contexto moderno, podemos destacar a concentração de renda e riquezas cada vez maior nas mãos burguesas e dos industriais, a escalada dos meios de comunicação em nível mundial, a migração da população do campo para as cidades ou a transformação dos ambientes agrários em empresas agrícolas, a racionalização do trabalho com uma produção amparada por lemas científicos de modo a obter lucros crescentes e uma centralização fiscal, administrativa e burocrática por parte dos estados nacionais.

Em paralelo a essas mudanças, os trabalhadores começam a vivenciar opressões, condições desumanas de trabalho e inicia-se um processo de despertar e consciência de classe buscando reagir contra o “rolo compressor” do Capitalismo que se desenvolve influenciado em todos os setores da vida moderna. De acordo com Berman (1982, p.119),

o problema do capitalismo é que, aqui como em qualquer parte, ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas. Estimula, ou melhor, força o autodesenvolvimento de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida.

Assim, conforme afirma Berman (1982), as forma abstratas do capitalismo parecem subsistir, ou seja, capital, trabalho assalariado, mercadorias, exploração e valor excedente, enquanto os trabalhadores e sociedade explorada, em geral, se veem marginalizados e condenados a formas de existência que promovam o desenvolvimento das indústrias, da produção a todo o vapor, constantes mudanças estruturais e econômicas no contexto social e da ascensão e interesses da burguesia

Nesse contexto, o desconforto surge por que as pessoas devem abandonar seu porto seguro da tradição e da vida previsível e assumir a fluidez e as inovações constantes que estão em curso graças à modernização. Assim, as relações fixas e imóveis que regiam a sociedade pré-moderna já se

desmancharam no ar e tomam novas formas para em seguida se desmancharem e servir de combustível para a renovação permanente e o desenvolvimento de novos cenários modernos que ruirão com o tempo dando lugar a outros cenários efêmeros e assim *ad infinitum* num movimento dialético, volátil e desenvolvimentista.

Assim, Marx equaciona as polaridades que estruturarão a cultura do modernismo e do desenvolvimento do capitalismo, em sua época e no século XX, com cenários de alto consumo e desejos insaciáveis, revoluções e crises permanentes, construção, destruição e reconstrução dos cenários sociais urbanos, guerras e uma vida moderna influenciada severamente pelas pressões da economia burguesa e das instituições do mercado econômico.

Para Berman (1982), Marx parece acreditar que esses cenários e crises irão contribuir gradativamente para um enfraquecimento do capitalismo até aniquilá-lo. Seus escritos no Manifesto também revelam a potencialidade com que a sociedade burguesa possa ser capaz de enfrentar crises e catástrofes, se reestruturar e se reerguer e por via dos meios de produção e do domínio do capital, conquistar novos mercados e promover uma nova fase de exploração mais aperfeiçoada que as praticadas em etapas anteriores.

Berman (1982, p.127) ainda destaca que

dada a capacidade burguesa de tirar proveito da destruição e do caos, não há qualquer razão aparente para que essas crises não possam prosseguir numa espiral interminável, destruindo pessoas, famílias, corporações, cidades, porém deixando intactas as estruturas e o poder da vida social burguesas.

Recordamos que, Marx escreve com Engels o Manifesto num momento histórico em que o capitalismo encontra-se desacreditado de forma generalizada e intensa em Países como Inglaterra e França. Nesse contexto, para Marx, as revoluções estão na iminência de ocorrer, contudo ao longo dos próximos anos a classe burguesa conseguirá de forma criativa criar saídas (halos) para dar uma nova roupagem às práticas capitalistas. Nas palavras de Berman (1982, p.144),

[...] todos os homens e movimentos que se proclamem inimigos do capitalismo talvez sejam exatamente a espécie de estimulantes de que o capitalismo necessita. A sociedade burguesa, através de seu insaciável impulso de destruição e desenvolvimento e de sua necessidade de satisfazer às insaciáveis necessidades por ela criadas, produz inevitavelmente ideias e movimentos radicais que almejam destruí-la, Mas sua própria necessidade de desenvolvimento habilita-a a negar suas negações internas: ela se nutre e se revigora daquilo a que se lhe opõe, torna-se mais forte em meio a pressões e crises do que em termos de paz, transforma inimidade em intimidade e detratores em aliados involuntários.

Entendemos Marx como um pensador e escritor moderno, pois foi capaz de captar as ambivalências, dicotomias e potencialidades da modernidade problematizando temas que bem descreveram o dinamismo da modernidade. Temas que refletem a desintegração das tradições e o niilismo modernos, bem como a

sensação de se vivenciar situações efêmeras, em constante mudança, com ambientes sociais, culturais e religiosos sendo dilacerados pelo avanço do progresso, da economia das novas práticas industriais e de consumo, tudo se tornando combustível para as crises, o caos promovava destruição e ao mesmo tempo sejam a matéria para construção de novos cenários modernos que desmancharão e darão lugar a outros numa espiral infinita de criações, destruições e transformações.

De acordo com Berman (1982, p.156),

o que de mais valioso marx tem a nos oferecer, hoje, não é um caminho que permita sair das contradições da vida moderna, e sim um caminho mais seguro e mais profundo que nos coloque exatamente no cerne dessas contradições. marx sabia que o caminho para além das contradições teria de ser procurado através da modernidade, não fora dela. ele sabia que precisamos começar do ponto onde estamos: psicicamente nus, despidos de qualquer halo religioso, estético ou moral, e de véus sentimentais, devolvidos à nossa vontade e energia individuais, forçados a explorar aos demais e a nós mesmos para sobreviver; e mesmo assim, a despeito de tudo, reunidos pelas mesmas forças que nos separam, vagamente cômicos de tudo o que poderemos realizar juntos, prontos a nos distendermos na direção de novas possibilidades humanas, a desenvolver identidades e fronteiras comuns que podem ajudar-nos a manter-nos juntos, enquanto o selvagem ar moderno explode em calor e frio através de todos nós.

3. À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

“A sociedade é dependente de uma crítica às suas próprias tradições”. (HABERMAS)

“O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho”. (ADORNO)

“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem”. (BAUMAN)

No prefácio da obra “O discurso filosófico da Modernidade” (1990), Jurgen Habermas declara que a modernidade é um projeto inacabado que precisa ser reconstruído por meio de um discurso filosófico. Para Habermas, a Modernidade desde os fins do século XVIII foi promovida a um tema filosófico. Mais à frente, Habermas (p.14) ressalta que na modernidade o cotidiano foi arrebatado por uma racionalização cultural e social, ocorrendo em paralelo uma dissolução das formas de vida tradicionais. Assim para começarmos a entender o que foi/é a Modernidade é preciso compreendermos que foi um período marcado pelo transitório, pelo evanescente, pelo contingente, um eterno auto consumo e destruição com novos rumos para uma construção momentânea.

Segundo Habermas (1990, p.23),

A orientação específica da idade moderna em direção ao futuro forma-se apenas na medida em que a modernização social destrói o campo experimental da velha Europa,

de mundos da vida de cunho rural e artesanal, o mobiliza, e o desvaloriza enquanto conjunto de diretivas que comandam a expectativa. O lugar dessas experiências legadas por anteriores gerações é ocupado então por aquela mesma experiência de progresso que confere ao horizonte de expectativa, até aí firmemente alicerçado no passado, uma qualidade nova do ponto de vista histórico, constantemente suscetível de ser excedida pela utopia.

É preciso enfatizar que o projeto de Modernidade foi um dos focos de estudos dos pensadores que participaram da Escola de Frankfurt, dentro todos com destaque para Theodor Adorno (1ª Geração), Max Horkheimer (1ª Geração) que construíram teorizações indicando um esgotamento da Modernidade além de obras em que questionavam um sistema social, cultural e político vigente moderno no qual o direito à vida era negado ao homem.

Em contraposição, Jürgen Habermas (2ª Geração), em diversas obras, questiona a visão pessimista de Adorno e Horkheimer, dentre outros da 1ª Geração, e busca tecer uma teoria que estabeleça um projeto de emancipação dentro da Modernidade. Nesse contexto, Habermas busca identificar equívocos e tecer críticas com relação ao conceito de razão postulado e orientado no Iluminismo. De acordo com Habermas (1990), a razão em seu entendimento teria sido interpretada de forma incompleta, qual seja partindo do princípio de nominado razão instrumental, ou a razão que regeria um mundosistêmico simbolizado pelo sistema capitalista de produção e pelo estado moderno.

Para estabelecimento de seu projeto moderno, Habermas institui dois conceitos que buscam servir de alternativa à razão instrumental, impedindo assim a colonização do mundo vivido: o mundo da vida e a razão comunicativa. De acordo com Habermas (1990), tais conceitos podem possibilitar a comunicação entre os indivíduos modernos, criando elos de mediação que permitiriam o compartilhamento de conhecimentos especializados e a troca simbólica. O filósofo enfatiza que diante dessa mediação, práticas e agentes mediadores como os críticos de arte, a docência e o sistema jurídico dialogariam com as esferas regidas pelo mundo sistêmico incorrendo no fortalecimento das fontes de emancipação da Modernidade.

A atualidade do pensamento de Habermas ainda é importante num período do século XXI em que as democracias têm sido sistematicamente testadas por governos populistas que têm impedido a emancipação do indivíduo, escravizando-o cada vez mais à razão instrumental imposta pelo sistema capitalista e pelos atuais estados nacionais.

Assim, para que a emancipação ocorresse, conforme preconizada por Habermas, deveríamos vivenciar uma concepção de democracia deliberativa, estimuladora da ampla participação da sociedade civil em temas essenciais do contexto social e político. Habermas, em 2020, completou 91 anos e ainda estamos na expectativa de que, na atual fase denominada de pós-modernidade ou modernidade líquida, como denominado por Zigmunt Bauman, possamos vivenciar um projeto que coloque a democracia e governos democráticos e que estes proporcionem a participação da população nas tomadas de decisão nos diversos contextos social e político.

Por fim, destacamos que neste texto buscamos tecer algumas reflexões oriundas das leituras efetuadas na disciplina de Filosofia Política ministrada pelo Prof. Dr. Raul Francisco Magalhães em 2022, bem como também da leitura da obra “Tudo que é sólido desmancha no ar” de Marshall Berman. Em virtude da riqueza de temas apresentados ao longo da obra de Berman (1982), escolhemos dois cenários, com *Fausto* de Goethe e a Modernidade a partir de Marx, que dentro de suas limitações, possibilitam ao leitor compreender a dinâmica da sociedade moderna.

4. REFERÊNCIAS E OBRAS ESTUDADAS PARA ELABORAÇÃO DO TEXTO

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, W. **A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução**. In: Textos Escolhidos; São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das letras, 2007 HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade**. Lisboa: D. Quixote, 1998. MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCUSE, H. **One-dimensional Man: studies in the ideology of Advanced Industrial Society**. Beacon Press. 1991.

MARX. K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004. MARX. K.; ENGELS, F.

MARX. K. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2005.